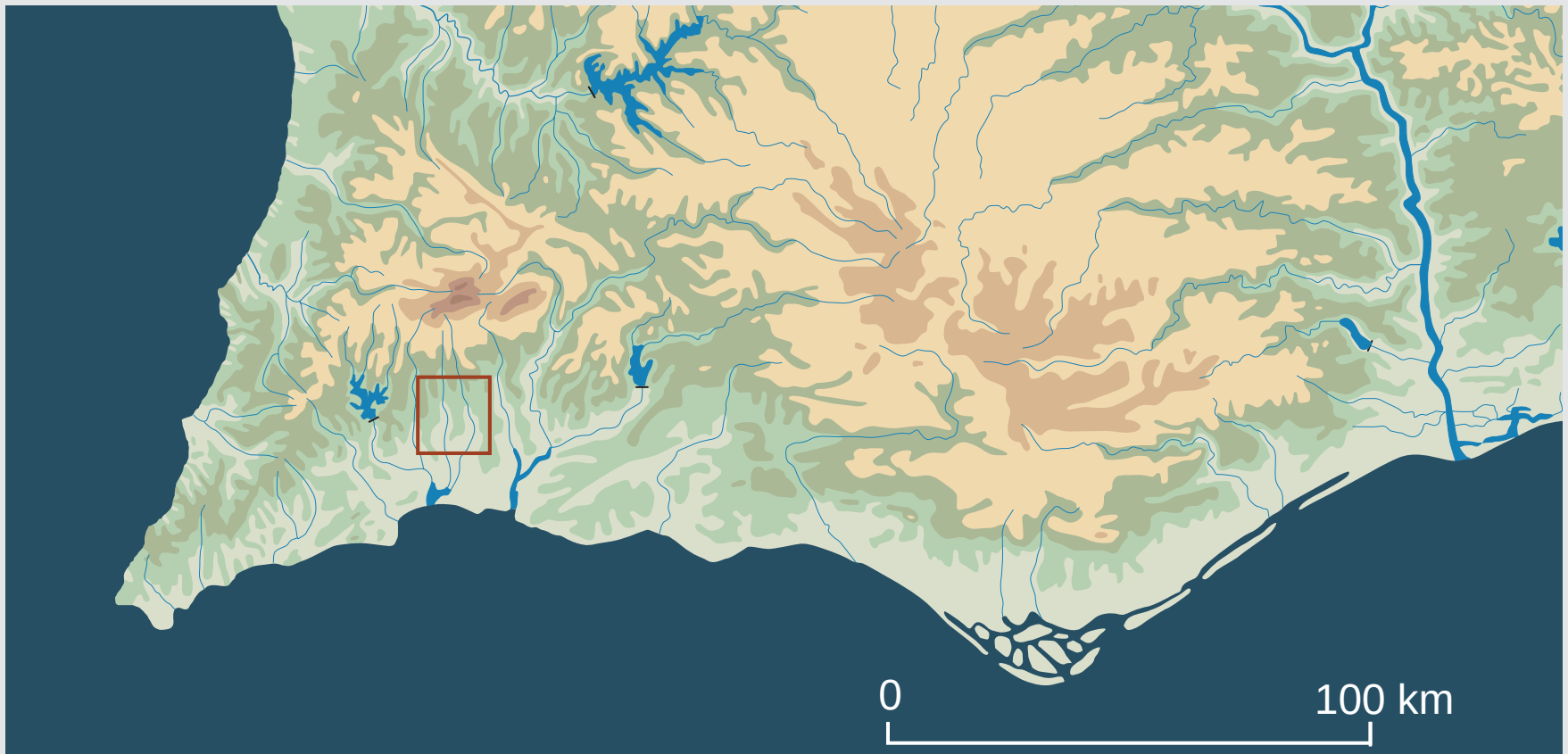
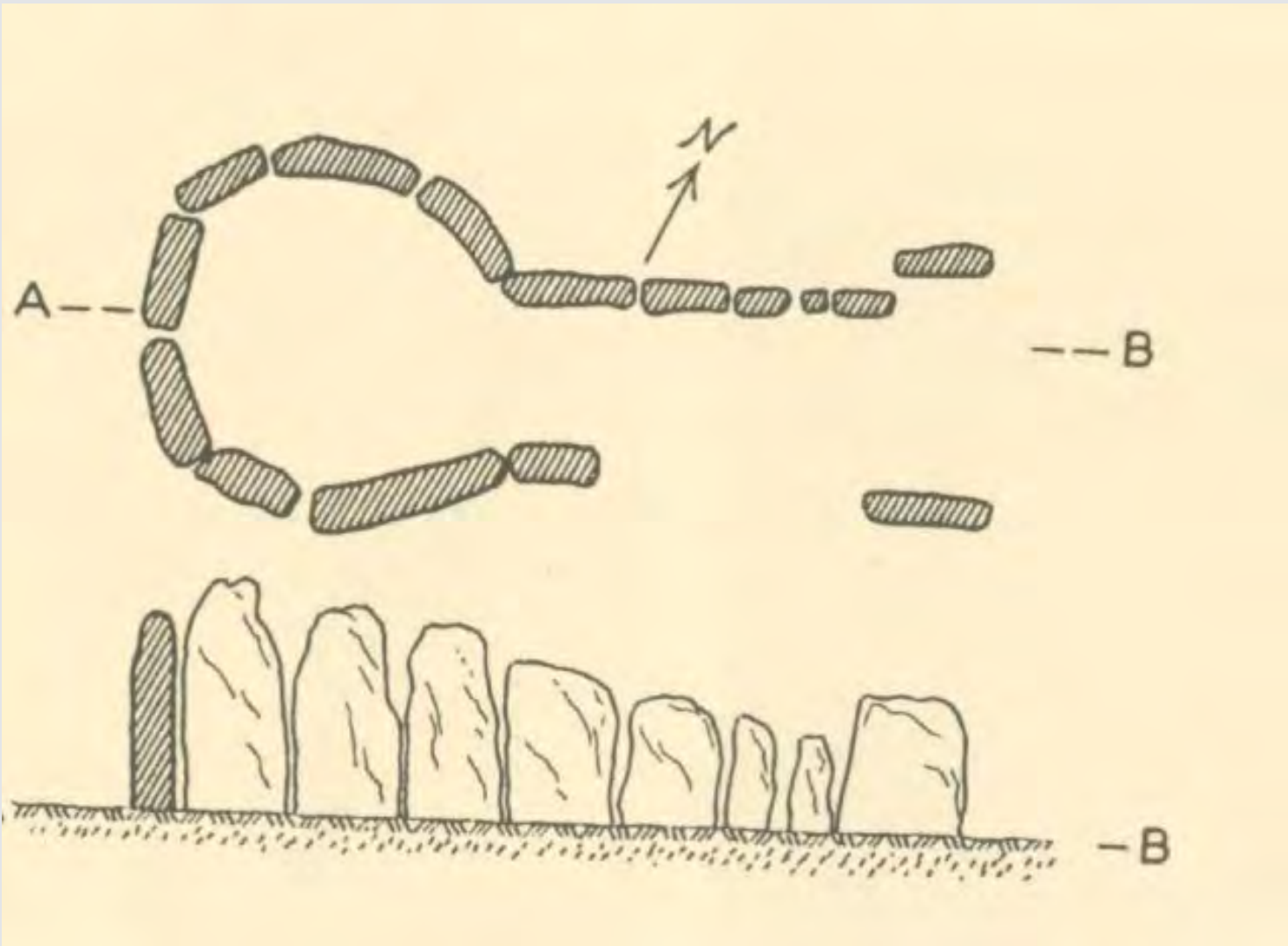


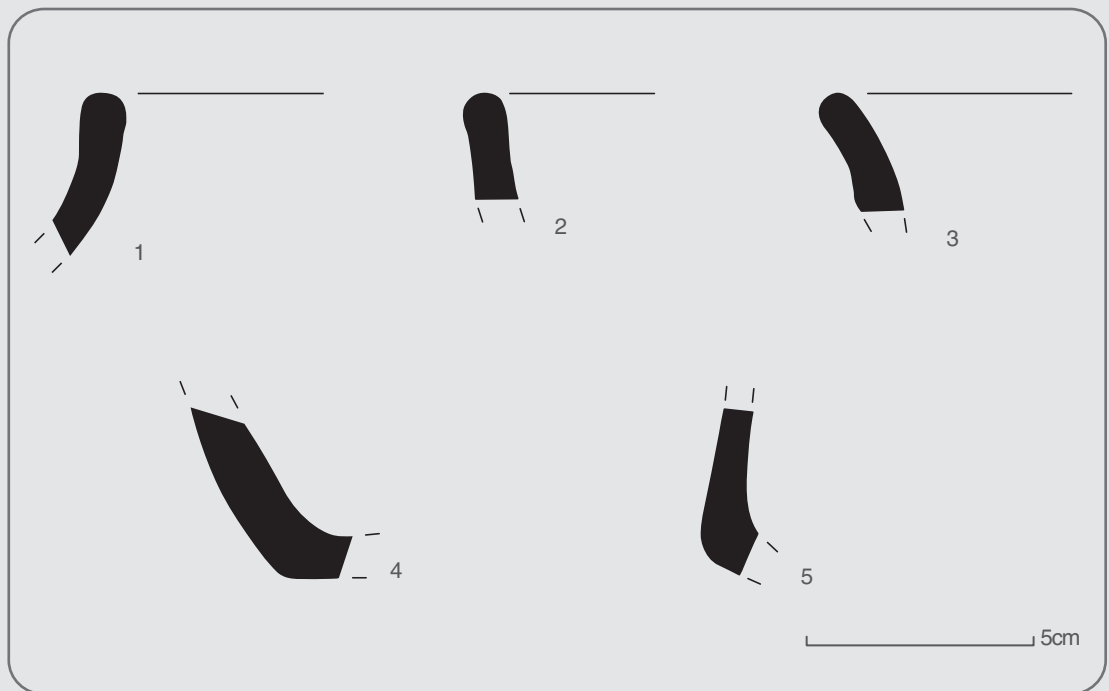
O Monumento 11 de Alcalar (Mexilhoeira Grande): as recentes intervenções arqueológicas de salvaguarda.



Localização do conjunto megalítico de Alcalar



Planta do monumento 11 de Alcalar (Viana et al., 1953)



Cerâmica recolhida na intervenção de 2019-020.

1. Introdução

A necrópole megalítica de Alcalar, formada por quatro núcleos: Vidigal Velho, Alcalar Oeste, Alcalar Centro e Alcalar Este, integra, conjuntamente com os aglomerados populacionais identificados, um vasto assentamento do 3.º milénio a.C. O monumento 11 da necrópole inclui-se, conjuntamente com os monumentos 8, 14 e 15, no seu agrupamento ocidental. Alguns destes monumentos funerários foram explorados nos finais do século XIX e na primeira metade do século XX, sendo evidente, desde estas primeiras intervenções, a grande diversidade de soluções arquitectónicas do complexo funerário (Morán; Parreira, 2004: 35). O monumento 11 foi identificado em 1933 por José Formosinho, referindo este que a sua arquitectura se define por uma câmara de planta circular e corredor comprido orientado na direcção ENE, verificando que junto à entrada do corredor subsistia ainda uma grande laje atravessada, que interpretou como sendo parte integrante da cobertura ou da estrutura de condenação do monumento. Relativamente ao espólio recolhido no corredor, este autor indica o aparecimento de uma urnazinha de barro e um fragmento de faca, enquanto na entrada surgiu um gral de calcário e uma pequena lâmina de ouro com decoração geométrica que considerou poder ter pertencido a um diadema. Ainda iniciou a escavação da câmara, que lhe pareceu afectada por revolvimentos, mas interrompeu os trabalhos. Estes apenas foram retomados em 1949, colaborando José Formosinho com Abel Viana e O. da Veiga Ferreira. Concluíram a escavação da câmara sepulcral, tendo sido possível a identificação de restos humanos de dois indivíduos, localizados "...um deles no limiar da câmara e o outro no lado esquerdo desta, rente aos esteios". Desta intervenção o espólio apresenta-se diversificado: cerâmica, instrumentos de pedra polida e lascada, destacando-se deste conjunto dois almofarizes (Viana *et al.*, 1953: 100).

2. Intervenções de salvaguarda no monumento

O monumento 11 foi novamente intervenionado em 1993 devido à necessidade de avaliar as afectações provocadas pela colocação da vedação de uma central de distribuição de águas. Esta intervenção, da responsabilidade de Rui Parreira (IPPAR), permitiu verificar que a mamoa do monumento se estende por mais de 15 metros de diâmetro, encerrando uma estrutura sepulcral com um corredor antecedido por átrio e uma câmara, configurando muito provavelmente um tholos "... com base ortostática de lajes de arenito vermelho, com câmara sub-circular e corredor estreito (...)" (Morán; Parreira, 2004: 50). Posteriormente, em 2006, Eduardo Porfírio e João Nuno Marques (Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural) efectuaram sondagens no âmbito de obras de alteração, não licenciadas, de uma construção rural tradicional na imediata proximidade do Monumento 11, demonstrando a necessidade de realização de trabalhos arqueológicos preventivos em eventuais futuras intervenções a realizar na área.

2.1. Intervenção de 2019-20

A realização em 2011 de novas obras não licenciadas na referida habitação, conduziu à afectação de contextos antrópicos com interesse arqueológico. A intervenção de 2019-20, efectuada no quadrante Noroeste da mamoa, para além de ter permitido caracterizar a extensão e o efeito desta afectação, também possibilitou apurar o modo de estruturação da mamoa (um *cairn*), composta por um aglomerado compacto de pedras, na sua grande maioria de origem calcária, incorporando alguns blocos de grauvaque. O seu calibre é irregular e o seu tamanho, na generalidade, possibilita a recolha manual.

2.2. A cultura material

Da intervenção de 2019-20 destacam-se a recolha de alguns fragmentos de cerâmica de produção manual e cronologia pré-histórica, nomeadamente 46 fragmentos, correspondentes a 39 bojos, três bordos, dois fundos e duas carenas. Atendendo a que se encontram genericamente bastante fragmentados, correspondendo na sua maioria a bojos, apenas em seis casos foi possível realizar uma atribuição formal. Desta forma, reconheceu-se um vaso de forma esférica com colo estrangulado (n.º 1) da forma 7A; uma tigela em calote de esfera (n.º 2) da forma 5; uma taça carenada (n.º 3) da forma 4; um fundo plano de forma fechada indeterminada (n.º 4), bem como duas carenas (n.º 5) pertencentes a taças carenadas da forma 4 (Móran, Parreira, 2004; Móran, 2018). Dois fragmentos apresentam paredes de espessura considerável, podendo corresponder a grandes contentores. Formalmente, salienta-se a ausência de fragmentos que claramente possamos considerar como pratos de bordo espessado. Quanto à indústria lítica apenas temos a reportar um fragmento de dormente em granito.

As características do espólio contextualmente relacionável com o monumento funerário pré-histórico, isto é, materiais que se encontrariam originalmente embalados no *cairn* do túmulo, não nos permitem retirar ilações de carácter cronológico precisas, contudo, é clara a sua associação formal a outros recolhidos na área do povoado de Alcalar.

3. Considerações Finais

A intervenção de 2019-020 permitiu verificar que a mamoa de Alcalar 11 se estende por mais de 15 metros de diâmetro, encerrando uma estrutura sepulcral com um corredor antecedido por átrio e uma câmara, configurando muito provavelmente um *tholos* com base ortostática de lajes de arenito vermelho, com câmara sub-circular e corredor estreito. Com efeito, a intervenção arqueológica realizada não permitiu identificar o muro de perimetral de contenção/delimitação do túmulo, extravasando este a área de escavação, encontrando-se possivelmente sob a habitação rural. Todavia, relativamente ao enchimento tumular, foi possível caracterizar o modo de estruturação do *cairn*, verificando-se o aproveitamento de grandes blocos de afloramento calcário como estruturas de travamento da massa pétre que o compõe. De igual forma, parece-nos provável que a integração destes na estrutura contribuisse para uma construção mais célere e com recurso a menor esforço humano.



Vista da área antes do início da intervenção de 2019-20. Note-se a zona da câmara intervenionada em 1993.



Vista do perfil Noroeste da sondagem 1.1, a Y-42, após o final da intervenção.



Vista do sector 1 após o final da intervenção.



Vista do sector 1 após o final da intervenção. Note-se a zona da câmara intervenionada em 1993.

MORÁN, E. (2018) – El Asentamiento prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal). La organización del territorio y el proceso de formación de un estado prístino en la bahía de Lagos en el tercer milenio a.n.e. (estudios & memorias, 12). Lisboa:UNIARQ/FL-UL. MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2003) – "O povoado de Alcalar (Portimão) na paisagem cultural do Alvor no III milénio antes da nossa era". In JORGE, S. O. (org.) – Recintos murados da Pré-história recente, Porto - Coimbra, p. 307-327. (2004) – "O conjunto pré-histórico de Alcalar". In MORÁN, E.; PARREIRA, R. (coord.) (2004) - Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um Monumento Megalítico. Lisboa: IPPAR. (2007) – Alcalar. Monumentos megalíticos. Lisboa: IGESPAR [=Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 10]. PARREIRA, R. (1997) – "Alcalar. O território, os lugares habitados e as criptas mortuárias dos 4º e 3º milénios a.C.": In Noventa séculos entre a serra e o mar. Lisboa: IPPAR, p. 190-205. PORFÍRIO, E.; MARQUES, J. N. (2010) – Remodelação de moradia junto ao Monumento 11 de Alcalar (Portimão). Relatório Final. Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, O. Da Veiga, (1953) – "Algumas notas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos: Zephyrus, Vol. 4, Salamanca, pp. 97 – 117.